

BRITES, Jurema; MOTTA, Flávia de M; (Org.). 2017. *Etnografia, o espírito da antropologia: tecendo linhagens – Homenagem a Claudia Fonseca*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC.

Luísa Maria Silva Dantas
Pós-Doutoranda Jr. em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul
luisadantas1@gmail.com

Esta obra, como o próprio nome expressa, materializa densa homenagem à trajetória de pesquisa e ensino da professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Claudia Fonseca; e inaugura uma série de publicações, intitulada “Trajetórias e Histórias da Antropologia no Brasil”¹. Sua publicação conjuga um antigo propósito, iniciado em 2009, de reunir em uma coletânea as etnografias sobre grupos populares urbanos produzidos por seus orientandos/as, no âmbito do Núcleo de Antropologia e Cidadania – NACi (1995), com a intenção de homenagear Claudia² na ocasião dos 35 anos do PPGAS, em 2015.

A homenagem à Claudia Fonseca se inicia com o prefácio de Ruben Oliven, professor também homenageado nos 35 anos do PPGAS e um de seus fundadores, em que ele rememora a chegada da jovem americana na universidade, por meio de uma carta de interesse em que ela relatava sua formação em Letras, mestrado em Estudos Orientais pela Universidade do Kansas e uma intensa experiência em pesquisa de campo. Essa ênfase no campo e na etnografia está presente não somente nessa primeira carta de apresentação, mas também nas práticas e discursos da própria professora, dos seus colegas e de seus discípulos, como uma de suas marcas, que também nomeia este livro, isto é, a etnografia, o espírito da antropologia. No prefácio, Ruben também destaca a capacidade de trabalhar

1 Com apoio do Programa de Editoração e Publicação de Obras Científicas da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul, acordo CAPES/FAPERGS 2014, e da Associação Brasileira de Antropologia (ABA).

2 Claudia Fonseca é professora da UFRGS desde 1978, portanto em 2018 está completando 40 anos de docência nesta universidade.

em equipe e liderar grupos, com respeito e generosidade, característica repetidamente afirmada pelos/as pupilos/as de Claudia no decorrer da obra.

A introdução é escrita pelas duas organizadoras e ex-orientandas de Claudia, Jurema Brites e Flávia de Mattos Motta, momento em que apresentam o contexto de surgimento do livro e sua estrutura. Neste ponto, podemos identificar o sentido da palavra linhagem também presente no título da obra, posto que as organizadoras, para além de ex-orientandas, defendem a coletividade de suas formações, através do NACi, em que temas, objetos de pesquisa e metodologias foram apresentados, debatidos e criticados.

A primeira parte do livro é uma coletânea de doze etnografias realizadas por orientandas (apenas um homem) de Claudia desde o final dos anos 1980 até 2012, incluindo diversos momentos de formação: desde a graduação, passando por dissertações de mestrado até teses de doutorado.

Os cinco primeiros textos podem ser considerados etnografias do cotidiano, envolvendo grupos populares, geração, estética, família, parentesco, conjugalidades, sexualidades, vizinhança e sociabilidades. Neste grupo estão presentes textos datados do final dos anos 1980 e início dos anos 1990, de Carmen Rial, “Da casa açoriana à casa decorada”, Flávia de Mattos Mota, “Bem mulherzinha: o sexo, o corpo e a relação homem/mulher”, Miriam de Fátima Chagas, “Aproximação etnográfica: o (re)encontro com a moral da dádiva na rádio Farroupilha”, Heloísa Paim, “Amantes e esposas: alianças e conflitos em família” e de Jurema Brites, “Uma patroa fora de lugar: etnografia da vida íntima e familiar da empregada doméstica”.

A diversidade de temáticas tratadas pelos cinco textos reflete a versatilidade dos empreendimentos de Claudia juntamente aos seus orientandos. Também chama atenção para algumas semelhanças presentes nas vivências e narrativas de grupos populares, mas também na postura ética e pedagógica exercida e incentivada pela antropóloga, buscando sempre provocar seus orientandos para a desconstrução de sentidos comuns e estereótipos, a desconfiar de suas análises e identificar a jocosidade dos grupos populares urbanos brasileiros, junto à criatividade em relação às normas morais, que podem ser sempre burladas, travestidas e/ou reinterpretadas de acordo com o contexto vivenciado pelos sujeitos.

Os três textos seguintes estão em conformidade com outro momento da trajetória de Claudia, quando a partir das práticas cotidianas de grupos populares urbanos ela percebe a atuação de agentes estatais e passa a interessar-se pelas políticas, leis, programas e equipamentos sociais. Com esta centralidade de preocupações, temos os trabalhos de Alinne Bonetti, “Cidadania mediada: reverses da reinvenção da cidadania (ou

“novas configurações” alguns anos depois...)], Martina Ahlert, “Notas etnográficas sobre mulheres, política e repasses de alimentos na gestão de um núcleo do Fome Zero em Porto Alegre” e Elisiane Pasini, “Práticas de valentias: uma pesquisa etnográfica na Vila Mimosa”.

Os últimos quatro textos fazem parte de teses de doutorado produzidas entre os anos 2005 a 2012, e dizem respeito a campos *up*, ou seja, quando a centralidade da pesquisa abarca não apenas sujeitos populares, mas atores, artefatos e práticas das ciências (jurídicas, médicas, informáticas). Neste grupo, temos Patrice Schuch, “Confronto de sentidos e constituição de autoridades num espaço judicial: etnografia de alguns dispositivos de gestão da infância e da juventude”, Soraya Fleischer, “Parteiras, parto domiciliar e reciprocidade numa pequena cidade amazônica”, Pedro Nascimento, “Comigo está tudo bem”: desejo de filhos, negociação e acusação em grupos populares no Sul do Brasil”, e Lucia Scalco, “A inclusão digital sob a perspectiva do educador social: contestando a escassez com criatividade”.

Essa possível classificação dos textos visando corresponder a distintas etapas da trajetória de pesquisa e docência de Claudia é apenas uma tentativa de organizar as diferentes temáticas em que ela e seus alunos se debruçaram, mas não podemos tomá-la como definitiva ou, menos ainda, como uma linha evolutiva, pois não representa a totalidade dos trabalhos realizados e orientados e nem pode delimitar sua atuação em outros campos e espaços, como no diálogo, formação e capacitação com os grupos, programas e instituições estudadas.

A Parte II do livro é uma coletânea de homenagens proferidas por colegas de trabalho e estudantes à Claudia e é composta por sete textos. O primeiro deles é de Denise Jardim, que compartilha a coordenação do NACi com Claudia e ressalta a dinâmica coletiva de pesquisas e debates nesse espaço. Seguindo, o texto de Miriam Grossi, que discorre sobre parentescos afetivos e teóricos, posto que não foi uma pupila de Claudia, mas esteve com ela em diferentes momentos e diálogos na prática profissional das duas.

Posteriormente, temos textos de Patrice Schuch, Jurema Brites e Carmen Rial novamente. Nesta segunda parte, Patrice, hoje colega de departamento de Claudia, descreve a importância do aprendizado em realizar etnografia “corpo a corpo”, ensinada por Claudia, quando teve o privilégio de sua companhia em pesquisa nos fóruns e varas da infância e da juventude. Também Jurema chama atenção ao afeto e generosidade presentes na orientação de Claudia, com o exemplo de escritas conjuntas. Já Carmen rememora as primeiras aulas de Claudia na UFRGS, suas dificuldades com o português e o chamado que fez aos alunos para realizarem pesquisas etnográficas no entorno da universidade, bem como sua capacidade de retirar os alunos de suas zonas de conforto, com inteligência e

sagacidade.

A parte II também contempla os textos de Claudia Turra, que opta por uma escrita polifônica, conjugando respostas de vários ex-orientandos à seguinte pergunta: quais as marcas da Claudia Fonseca na tua formação e vida profissional? Juntamente a uma narrativa visual em que podemos passear e imaginar os espaços, as relações e aventuras que Claudia vem percorrendo em suas caminhadas. Também o texto de Vitor Simonis Richter, orientando de doutorado de Claudia, que nos presenteia com uma narrativa emocionante acerca da imersão ao estilo fonsequiano de ser e fazer pesquisa.

A terceira e última parte da obra inicia com uma versão bricolada de entrevista realizada por Thierry Paquot com Colette Pétonnet, orientadora e indicada por Claudia como uma de suas maiores inspirações. Colette foi precursora da antropologia urbana na França e bastante influenciada por seus mestres André Leroi-Gourhan e Roger Bastide do Instituto de Etnologia do *Musée de l'Homme*. Desenvolveu o método de “observação flutuante”, que consiste em deixar-se levar, seguir o que o campo apresenta, até que suas regras subjacentes sejam descobertas.

O livro termina com um artigo recente de Claudia, relativo ao seu último “campo” em uma ex-colônia de hanseníase na cidade de São Luis do Maranhão. Instigada por provocações em relação à produção do conhecimento antropológico (Gupta e Ferguson 1997: 39) e o desafio de esboçar linhas possíveis de aliança, Claudia propõe uma etnografia responsiva, provocadora e que multiplique diferenças.

Ao lermos a obra em questão, temos a certeza de estar conhecendo uma das trajetórias e histórias da antropologia no Brasil. É uma homenagem aos quarenta anos de pesquisa e docência desta norte-americana radicada em nosso país, mas também a apresentação de uma linhagem que tem na etnografia seu mais forte pilar; juntamente, ao propósito de levantar mais perguntas que respostas, suspeitar de nossas teorias e categorias, e não subjugar a força criativa que permeia o mundo e as práticas de nossos interlocutores.

Referências

BRITES, Jurema; MOTTA, Flávia de M; (Orgs). 2017. *Etnografia, o espírito da antropologia: tecendo linhagens – homenagem a Claudia Fonseca*. 1 ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC.

GUPTA, Akhil; FERGUSON, James. 1997. "The field' as site, method, and location in anthropology". In: ____; _____. *Anthropological locations: Boundaries and grounds of a field science*. Berkeley: University of California Press.

Recebida em 20 de maio de 2018.

Aceita em 26 de setembro de 2018.